

Índice

Les Antígones, a favor da mulher	1
Que se passa na esquerda com o aborto?	2
“33, El Musical”	3
“O Cavaleiro com Arma”	4

Les Antígones, a favor da mulher

Quando anos atrás as ativistas da Femen começaram a atrair atenções pela sua questionável maneira de protestar contra o “patriarcado” – com o torso nu e pintado sem qualidade –, um grupo de jovens francesas vieram fazer-lhes frente com uma mensagem bem diferente.

São o grupo Les Antígones, que tomam o nome da filha de Édipo, a personagem da tragédia clássica. Ontem mais expostas a enfrentar o extremismo na rua – uma delas chegou até a [infiltrar-se nas Femen](#) –, as circunstâncias da vida, como terem tido filhos, terem empreendido negócios, ou terem mudado para outras cidades, levou as suas fundadoras a reinventar o modo de trabalhar em comum.

Assim o conta à “Aceprensa”, Anne Trewby, a sua presidente: “Les Antígones são agora uma rede que partilha informação, livros, etc., sobre qualquer assunto relacionado com as mulheres. Normalmente, trabalhamos a partir de casa, escrevemos e publicamos artigos e, muito em breve, livros. Quem quiser pode contactar-nos por *email*, partilhar as suas opiniões e a sua informação, e será mesmo possível enviar-nos artigos para publicar”.

– *Considero que a organização promove um feminismo de bom senso e que se opõe a um certo tipo de feminismo. A qual?*

– Houve um debate entre nós para esclarecer se nos podemos chamar realmente feministas! A palavra, de facto, tem significados muito diferentes consoante quem estiver a falar. A

maioria das pessoas só a associam com qualquer luta a favor das mulheres, sem importar o tipo de luta em causa.

Neste sentido, evidentemente, podemos ser definidas como feministas. Reconhecemos a igualdade entre os sexos e pedimos medidas políticas a favor das mulheres vítimas de injustiças, das que são vulneráveis por serem mulheres. Pensamos que têm um importante papel político, social e económico a desempenhar.

A palavra “feminismo” é realmente bastante recente. O feminismo é uma escola de pensamento muito diversa, mas a maioria dos movimentos partilha uma análise das causas subjacentes dos temas femininos que nós não partilhamos.

O conceito de patriarcado, por exemplo, implica uma análise marxista da sociedade com a qual não concordamos. É óbvio que em certos momentos da história e em determinados países, as mulheres têm sido oprimidas legal, física e moralmente, mas essa história da condição feminina é muito menos linear do que aquilo que a maioria dos movimentos feministas brandem. Também é possível encontrar coisas no nosso passado com as quais podemos aprender para ajudar as mulheres de hoje.

Gosto da ideia de um feminismo “com bom senso”! Nós representamos uma certa escola de pensamento não muito difundida no feminismo, que considera a condição sexuada como algo que nos define como seres humanos, mesmo que isso não nos determine, nem determina o nosso lugar e posição na sociedade.

– *Será que haveria somente um modo de ser uma mulher reivindicativa e livre? Em caso negativo, qual seria o vosso?*

– Há inúmeras maneiras de ser uma mulher livre e realizada. A história, a literatura, a mitologia..., a nossa cultura está cheia de exemplos de mulheres admiráveis, que deram maravilhosos contributos nos mais variados campos.

É verdade que alguns momentos da história foram injustos para com as mulheres. Os movimentos feministas nasceram num contexto no qual as mulheres eram fortemente discriminadas. A Revolução Francesa, por exemplo, recuou em termos de direitos femininos. Todo o sistema jurídico posto em vigor durante a Revolução e completado por Napoleão com o seu Código Civil, tinha por base o sistema jurídico romano, que como toda a gente sabe, era terrível para com as mulheres.

Durante o século XIX, houve muito poucos exemplos de participação das mulheres na política ou nas ciências. Isso não significa que não os houvesse. Noutros tempos e sociedades, os que curavam eram, por exemplo, as mulheres. Existem também interessantes figuras de rainhas na história francesa, que as raparigas podem investigar e tomar como modelos femininos.

– *O movimento Me Too mobilizou milhões de mulheres em todo o mundo. Que pensa dessa iniciativa?*

– Recordemos que o #MeToo é apenas uma *hashtag*. Atraiu a atenção sobre o assédio sexual e a violência contra as mulheres, mas não há nada de novo nele. O seu problema principal é que não nos leva a nenhuma análise sincera: ninguém parou para analisar em pormenor todas as histórias que aparecem na Internet, e o resultado é uma enorme mistura de coisas diferentes.

Insultar uma mulher é mau, mas não é o mesmo do que uma violação. Alguns dos comportamentos recriminados devem ser abordados com a lei; outros, apesar de quão desagradáveis possam ser, trata-se de assuntos morais, não políticos.

– *Qual é a ideia de Les Antigones acerca de uma efetiva igualdade entre mulheres e homens?*

– Uma igualdade com base na nossa humanidade partilhada. Como seres humanos, ambos os sexos são iguais em dignidade. Para aquelas que são católicas, como eu, isso significa que somos iguais perante Deus. Como pensamos que a justiça e as leis não são inventadas pelo homem, mas normas não escritas que estão na base da experiência humana, e que o objetivo da lei é descobri-las e experimentá-las, a primeira convicção significa que, para nós, a igualdade entre homens e mulheres é a igualdade de direitos.

Mas a igualdade não implica que ambos os sexos sejam o mesmo. Para preservar a imensa riqueza de sermos dois sexos diferentes, precisamos de deixar de tentar ter o mesmo número de mulheres e de homens em cada área política ou económica, e deixar de querer provar desesperadamente quão parecidos podemos ser.

Reconhecer que mulheres e homens são diferentes também teria um efeito positivo na organização social dessas diferenças. A título de exemplo, a diferença salarial entre mulheres e homens não tem a ver com opressão e patriarcado. A maioria dos dirigentes que pagam menos às mulheres não o fazem por pensarem que elas são menos eficientes ou inteligentes do que os homens, mas porque elas engravidam, eles não.

A violência sexual é outro exemplo de um tema mais específico das mulheres. Como é evidente que o facto de ser mulher cria uma vulnerabilidade específica, devido à sua menor força física, às gravidezes, etc., as leis devem ter em conta estas diferenças para protegê-las melhor.

L. L.

Que se passa na esquerda com o aborto?

A nova lei aprovada no estado de Nova Iorque permite abortar por qualquer motivo nas primeiras 24 semanas da gravidez, ou depois se o feto não for viável ou se existir risco para a vida ou para a saúde da mãe. Iniciativas similares estão em curso nas assembleias legislativas do Novo México, de Rhode Island e de Vermont, enquanto que na da Virgínia não vingou. Todas elas foram impulsionadas por legisladores do Partido Democrata, organização cada vez mais identificada com a causa pró-aborto.

O aborto a pedido poderia ser um dos temas candentes nas eleições presidenciais de 2020. Conforme [explica](#) o jornalista John McCormack em “National Review” (30.1.2019), a maioria dos democratas que se estão a apresentar à nomeação presidencial e outros potenciais candidatos copatrocinaram um projeto de lei federal - proposto e reproposto em cada legislatura desde 2013 -, que anularia muitas restrições estaduais ao aborto no terceiro trimestre.

Por seu lado, o presidente republicano Trump viu nisso uma oportunidade de ouro para apresentar os democratas como “o partido do aborto tardio”, uma etiqueta que incomoda os próprios *pro-choice*. A versão destes é que as novas iniciativas não pretendem abrir um debate sobre o aborto tardio, mas proteger melhor os direitos reprodutivos perante um Supremo Tribunal que, após as nomeações dos juizes Neil Gorsuch e Brett Kavanaugh, é mais hostil à sentença *Roe v. Wade* (1973), a sentença que legalizou o aborto a pedido em todo o país.

Apelar para o direito a decidir das mulheres como ariete contra Trump levaria o Partido Democrata a repetir um velho

erro. Como o afirmou Mary Meehan [num texto de referência](#) (1980) para a esquerda pró-vida norte-americana, “é paradoxal que tantas pessoas da esquerda tenham feito com o aborto aquilo que os conservadores e os progressistas da Guerra Fria fizeram com o Vietname: marchar na direção errada, para lutar contra a guerra errada, contra as pessoas erradas”.

Entre os inimigos errados da esquerda neste debate, Meehan mencionava os ricos que podem abortar de modo seguro, os crentes que querem “impor” os seus pontos de vista aos outros – apesar de que “muitos continuariam a opor-se ao aborto se perdessem a fé” – ou os injuriados conservadores. Para Meehan, estes argumentos afastam a atenção do não nascido, que é quem fica a perder quando somente conta o direito a decidir da grávida.

Na sua opinião, a esquerda deve voltar a opor-se ao aborto “para salvar a sua consciência”; isto é, para não comprometer os valores que diz defender, como o cuidado para com os fracos, a igualdade – “não há igualdade quando a conveniência de uma pessoa tem prioridade sobre a vida de outra” –, a justiça – “o aborto é a fuga de uma obrigação que se deve a outro” –, o feminismo ou a diversidade racial.

Também os pró-vida podem trair os seus valores. A diferença é que, neste caso, o não nascido não desaparece do debate. Como [diz](#) Nathan Blake em “The Federalist” (29.1.2019), que os pró-vida sejam mais ou menos coerentes com as suas posições não acrescenta nem retira nada ao facto de que no ventre materno já existe um ser humano vivo. Por isso, “o aborto continua a ser um grave mal moral, sem importar se eu, ou qualquer outra pessoa pró-vida, seja o pior dos pecadores ou o mais santo dos santos”.

Este debate moral – que parte das descobertas científicas sobre [a riqueza da vida pré-natal](#) (ver “Aceprensa”, 30.4.2014) – é precisamente o que muitos líderes do Partido Democrata querem evitar, ao qualificarem o aborto como um simples ato médico. O linguista George Lakoff justificava há alguns anos esta posição, alegando que o embrião não é ainda reconhecível como membro da espécie humana e que “o problema da moralidade do aborto fica resolvido quando decidimos que palavras usar em cada caso”. Assim, “enquanto que o uso de ‘conglomerado celular’, ‘embrião’ e ‘feto’ mantém o debate no âmbito médico, quando aparece o vocábulo ‘bebé’, o debate desloca-se para o âmbito moral”.

Mas nem tudo é uma questão de escolha neste debate. Como [diz](#) Ana Maria Dumitru em “Public Discourse” (17.1.2019), a ciência pode dizer-nos que o embrião formado pela fusão do espermatozoide e do óvulo “tem o código genético completo necessário para as capacidades que o convertem num organismo vivo”, diferente da mãe, e que “o desenvolvimento humano se processa ao longo de um *continuum*”. A partir destes dados – agora sim –, cada qual decide. Por isso, afirma Dumitru: “A principal linha divisória entre os pró-vida e os pró-escolha não é que lado se preocupa mais com as mulheres, as famílias e as suas liberdades básicas, mas como aplica

cada grupo os factos científicos para determinar quais são os direitos das mulheres”.

A insistência dos líderes democratas em apresentar os seus novos projetos de lei como uma resposta a um problema de saúde, não se enquadra com os principais motivos pelos quais as mulheres abortam nos EUA. Segundo uma [sondagem](#) do Instituto Guttmacher realizada em 2004 a 1209 mulheres que tinham abortado, “as razões citadas com maior frequência foram que ter um filho iria interferir com a educação, o trabalho ou a dedicação da mulher a [familiares] dependentes (74 %); que não podia ter um bebé de momento (73 %); e que não queria ser mãe solteira ou tinha problemas de relacionamento [com o seu parceiro] (48 %)”. Entre uma longa lista de outros motivos, somente 12 % afirmam haver abortado devido a “problemas físicos” relacionados com a sua saúde.

Está para se ver se o Partido Democrata vai acabar por apresentar o aborto a pedido – nomeadamente, no terceiro trimestre – como um dos seus pontos fortes para as presidenciais de 2020. O aborto tardio continua a ser impopular nos EUA, de acordo com o [histórico da Gallup](#). E apesar do empenho para retirar as conotações morais a este debate, uma maioria de norte-americanos considera o aborto como eticamente inaceitável (48 % contra 43 %), segundo [dados recentes](#) da mesma organização. Embora, simultaneamente, a maioria seja favorável a legalizá-lo nalgumas circunstâncias (50 %) ou em todas (29 %), contra 18 % dos que o proibiriam sempre.

J. M.

“33, El Musical”

Guião, direção e composição: Toño Casado.
Adjunta da direção artística: Rebeca Medina.
Diretor musical: Julio Awad.
Coreografia: José Félix Romero.
Intérpretes: Christian Escudero, Laura González, María Virumbrales, Laureano Ramírez, David Velardo.
Duração: 150 min. (incluindo intervalo)
Ano: 2018

Há treze anos, quando tinha 33, o sacerdote de Salamanca, Toño Casado, escreveu um musical sobre “o maior *influencer* da história”, Jesus Cristo. Em novembro de 2018, “33, El Musical” estreou-se em Madrid, num muito conseguido teatro efêmero em forma de tenda e, desde então, mais de 80 000 espectadores – crentes e ateus – passaram pelos seus

assentos. Perante este sucesso, os produtores decidiram, há poucas semanas, prolongar as representações mais três meses, até 21 de abril de 2019.

O musical oferece ao público uma montagem espetacular. A encenação, a fotografia, a iluminação e a música jogam a favor de uma mensagem plenamente contemporânea que qualquer um é capaz de entender; algo muito para agradecer visto que, até agora, a única versão musical desta história que realmente havia conseguido impor-se no grande público era a não muito ortodoxa “Jesus Cristo Superstar”.

Desta vez, a história centra-se nos três anos de vida pública de Jesus, desde a partida da casa familiar para Jerusalém, até à morte. Começa por colocar sobre a mesa os estereótipos mais comuns e, a partir daí, vai-se impondo ao espectador com muita criatividade e de um modo provocador. Grande parte do sucesso deve-se à trintena de atores, que na sua maioria vêm da televisão, de musicais e de programas como “Operación Triunfo” ou “La Voz”.

Nesta nova adaptação, Toño Casado procura aproximar a personagem e despertar empatia para com ela, independentemente das crenças de cada um, através de uma música de estilo Disney/Pop. O guionista assume algumas liberdades em relação à história original, o que foi motivo de uma certa polémica. São recursos pensados para conseguir que, como aconteceu na altura aos protagonistas reais, os espectadores mais ortodoxos sintam o perigo de se viver uma fé farisaica e os mais descrentes se venham a aproximar das perguntas existenciais.

Esta visão quase “líquida” do Messias peca por vezes de excentricidade, especialmente na personagem de São João, mas, no seu conjunto, consegue transmitir vibração e esperança. Toño Casado mostra um Jesus Cristo de carne e osso, que se sentiu sozinho e foi tentado, fazendo-o com um bom guião.

Além do sucesso de público, “33, El Musical” pode exibir outros recordes. Por exemplo, o gigante teatro efémero no qual é representado – que se irá manter como espaço para eventos uma vez finalizado o espetáculo – ou o orçamento de 4,5 milhões de euros com que contou, financiados com um *crowdfunding*, visto ser a primeira vez em Espanha que um musical foi produzido com este modelo alternativo de financiamento.

C. G. H.



“O Cavaleiro com Arma”

“The old man and the gun”

Realizador: David Lowery

Atores: Robert Redford, Sissy Spacek

Duração: 91 min.

Ano: 2018

Robert Redford retrata a personagem real de Forrest Tucker, um assaltante de bancos que, com 70 anos, consegue escapar da prisão de St. Quentin. Já antes se evadira de outras prisões e nunca desistira de continuar os assaltos. Agora que já entrara na terceira idade, vai manter o seu “status” e retoma os seus roubos, utilizando uma fórmula especial: assaltar os bancos sempre de uma forma cavalheiresca, com charme e boa educação. As vítimas sentem-se perplexas e a polícia não sabe que “tipo” de criminoso deve perseguir. Mas o mais curioso é que o assaltante vai transformar-se numa celebridade e os seus feitos passam a ser seguidos com admiração pelo público.

A dada altura tem uma oportunidade de se regenerar e recomeçar uma vida honesta. No entanto, vai preferir regressar aos seus crimes e à emoção de desafiar a polícia, até que volta a ser apanhado como das outras vezes...

No filme, fica claro que a “forma” de realizar uma ação pode mascarar a bondade ou maldade do “conteúdo” dessa mesma ação. A prática do mal pode ser atraente e desafiadora, para além de ser cativante obter dinheiro fácil em vez de ter de produzi-lo... atitudes que, no fundo, vão cair num vício difícil de abandonar...

Tópicos de análise:

1. A boa educação cativa qualquer interlocutor.
2. A popularidade pode esconder a crueza da realidade.
3. Uma má conduta deixa sempre pontas soltas...

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

